



Ciência e tecnologia na literatura italiana de Dante a Leopardi

Science and technology in Italian literature from Dante to Leopardi

Sérgio Mauro¹

Resumo: Pretende-se estabelecer a análise das complexas relações entre a ciência e a literatura italiana, de Dante Alighieri até Leopardi, no século XIX. O destaque será dado ao período do Barroco, no qual as relações entre as duas esferas do conhecimento se intensificaram e adquiriram maior relevância.

Palavras-chave: Tecnologia, ciência, literatura italiana no Barroco.

Abstract: We will make an essay about the relationship between the science and the Italian literature, from Dante to Leopardi. We will centralize our essay on the Baroque period, when the two parts of the human knowledge increase and acquire signification.

Keywords: Technology, science, Italian literature in Baroque.

Dante Alighieri, unanimemente considerado o maior poeta italiano, se refere constantemente a Aristóteles e ao aristotelismo em **Il Convivio**, espécie de enciclopédia medieval que o poeta não chegou a concluir. Notam-se claramente idéias que terão imediatos reflexos na poesia dele, sobretudo no **Paradiso**. Há uma clara exaltação do saber humano, mas com fortes limites impostos tanto pela adesão às idéias de Aristóteles, como pela onipresença da visão teológica. Não é apenas no **Convivio**, porém, que ele expõe idéias científicas. Pouco antes de morrer, submeteu-se a uma banca de examinadores em Verona para defender a tese científica **Quaestio de Aqua et de Terra**, na qual procurou demonstrar que em nenhum ponto do globo o nível da água supera o da terra em altura. Na verdade, as conclusões a que chega Dante advêm sobretudo das fontes aristotélicas, mas podem também partir de dogmas cristãos. Em certos momentos, o poeta se detém a observar fenômenos naturais como o fluxo das marés, por exemplo. Trata-se de relativa independência científica em relação aos preceitos teológicos que, de resto, já

¹ Professor Doutor, Professor-assistente de língua e literatura italiana da FCL-UNESP de Araraquara, Departamento de Letras Modernas. O artigo é resultado de pesquisas realizadas na Itália com o apoio da FAPESP.

aparecia na **Divina Commedia**. No primeiro canto do *Paraíso*, por exemplo, o princípio de reflexão dos raios que partem do olhar de Beatriz é usado para explicar como o poeta consegue fixar os olhos na luz intensa. Quando deve explicar aos leitores o processo pelo qual consegue “transumanizar-se”, isto é, anular os limites do corpo terrestre e preparar-se para a ascensão aos céus até à última visão de Deus, o poeta recorre ao mito do pescador Glauco, conforme aparece nas **Metamorfoses**, de Ovídio, e alega não ter mais palavras ou exemplos para explicar um fenômeno desejado por Deus. A explicação científica conhece, então, fortes limites e aparece “submissa” à teologia. No último canto da **Commedia**, para explicar a forma pela qual lhe aparece o mistério da Encarnação, Dante menciona um dilema dos matemáticos medievais: a quadratura do círculo. Teologia e verdades científicas não se separam no *Paraíso*. Provavelmente, isso explica o motivo pelo qual o poeta, um ano antes da morte, decidiu enfrentar questões científicas complexas para a época.

Na **Quaestio**, publicada apenas em 1508, quase duzentos anos após a morte do autor, e escrita obviamente em latim, língua oficial da ciência pelo menos até Galileu Galilei, há árduo raciocínio que o poeta emprega para chegar às conclusões esperadas. Dante refuta todos os argumentos utilizados pelos que defendiam a superioridade em altura da terra ou da água. Para tanto, vale-se, quando possível, de idéias que derivam da observação direta da natureza, mas que, curiosamente, confundem-se ou completam-se com afirmações aristotélicas ou teológicas. O poeta emprega em vários momentos a expressão “cuius contrarius vedemus” ou, em italiano, “vediamo il contrario di ciò” (“observamos o contrário disto”). Percebe-se, portanto, que nessa tese há observação direta dos fenômenos, ainda que os princípios básicos da demonstração sejam quase todos extraídos dos textos aristotélicos.

Após vários parágrafos que se valem de princípios básicos de astronomia, geometria e geometria física, o poeta parece arrepender-se e adverte:

“Desinant ergo, desinant homines querereque supra eos sunt, et querant usque quo possunt, ut trahant se ad

*immortalian et divina pro posse, ac maiora se relinquunt*².
(ALIGHIERI, 1993, p. 1212).

Na passagem citada está sintetizada a transição do medieval ao primeiro humanismo. Dante penitencia-se por ter se deixado levar pelo amor à verdade, por ter incorporado momentaneamente seu personagem Ulisses, e volta a investir-se da alta missão que acredita ter na **Divina Commedia**: ensinar à humanidade o caminho da salvação, que consiste basicamente na renúncia total aos bens falsos, numa constante preparação para a vida eterna. A mitologia pagã e toda a sabedoria dos pensadores e poetas greco-romanos ganham importância na **Commedia**, mas surgem submissas à verdade cristã: Virgílio, por exemplo, “maestro e autore” de Dante, logo no primeiro encontro declara ao discípulo ter vivido na “época dos deuses falsos e mentirosos”. Na *Quaestio*, o desejo de conhecimento arrefece-se nas conclusões finais e a tese perde o fôlego, como se Dante temesse um terrível vagalhão mandado por ordem divina.

Em Petrarca, sobretudo no **Epistolário**, nota-se uma maior independência em relação à teologia. Pode-se constatar nos escritos dele o posicionamento típico da primeira fase do Humanismo na Itália: a sabedoria científica pagã não mais se restringe ao aristotelismo, mas se estende ao estoicismo de Sêneca, além da recuperação das idéias de Platão. No caso de Petrarca, os reflexos dessa nova visão tornam-se evidentes inclusive nos versos de **IL Canzoniere**, obra-prima em versos do poeta de Arezzo.

Com relação a Boccaccio, torna-se relevante apenas a análise do livro **De montibus, silvis..**, em que o autor do **Decameron** ressalta, pela primeira vez na literatura italiana, a observação direta de fenômenos naturais. Trata-se, na verdade, de um tímido questionamento da validade absoluta das considerações feitas pelos antigos. De fato, na obra citada, Boccaccio precisou escrever até mesmo uma “Scusazione” para justificar aos leitores da época por qual motivo observara ilhas, montanhas e lagos e constatara que havia diferenças entre as suas observações e as descrições feitas pelos antigos.

² Trad. minha: “Desistam, portanto, desistam os homens de investigar as coisas que não podem alcançar, e dirijam o pensamento às coisas imortais e divinas, e abandonem as que ultrapassam o intelecto deles”.

Com relação a Leonardo da Vinci, verifica-se que nos seus apontamentos, reunidos em um único livro publicado na Itália com o título de **Scritti Letterari (Escritos Literários)**, há críticas aos homens de ciência da Idade Média. Para Leonardo, no período medieval, para demonstrar ideias supostamente científicas, procuravam-se unicamente os textos antigos, sobretudo de Aristóteles, e não se abandonavam completamente os dogmas religiosos. Leonardo foi, então, o primeiro a tirar conclusões científicas por meio da observação direta da natureza e dos seres humanos. No entanto, o empirismo do autor de **A Mona Lisa** e da **Santa Ceia** não constituiu, na opinião de insígnis estudiosos de filosofia da ciência como Paolo Rossi (ROSSI, 1988, p. 150), uma verdadeira ciência. É inegável, porém, o impulso que ele, com as suas observações diretas e desenhos, deu ao desenvolvimento científico.

Giordano Bruno, matemático e teólogo, para alguns místico, para outros vidente, foi personalidade de maior importância para as relações entre ciência e literatura na cultura italiana. Em seus escritos, sobretudo em **Lo spaccio della bestia trionfante** e **La cena de le ceneri**, procurou aliar suas teorias sobre a pluralidade dos mundos e a eterna reciclagem da matéria à sua crença em Deus. A religiosidade de Bruno chocava-se, porém, frontalmente com o catolicismo oficial da época em que viveu, à medida que o filósofo napolitano propunha uma espécie de retorno às convicções pré-cristãs, sobretudo à visão predominante no antigo Egito. Para Bruno, no período egípcio havia perfeita integração entre “terra e céu”, entre os seres criados por Deus e o criador. Para ele, toda a harmonia e equilíbrio do antigo Egito fora deturpada e se perdera para sempre com a civilização judaico-cristã, e deveria se recuperar para que o homem pudesse integrar-se perfeitamente com as forças que o criaram e que movem o universo. Ciência, lei e religião deveriam voltar à antiga convivência harmoniosa que se perdera após a derrocada da civilização egípcia.

No Barroco, um dos períodos mais importantes da literatura italiana, ao menos no que se refere às relações entre ciência e literatura, destacam-se as ideias de Galileu e de Francesco Redi. Redi (1626-1698) nasceu em Arezzo, sempre na Toscana, mas viveu e trabalhou a maior parte da sua vida em Florença, chegando a tornar-se o médico principal da corte dos Médici, além de

membro das famosas *Accademia del Cemento* e *Accademia della Crusca*. Naturalmente, muitos dos livros que fazem parte da bibliografia sobre o autor e quase todos os originais das suas obras encontram-se atualmente na cidade natal de Dante.

No livro **Osservazioni intorno alle vipere** (1664), o naturalista faz observações sobre as diferentes espécies de cobras de pouca importância para o presente estudo. No entanto, cabe observar que as anotações de Redi sobre os efeitos do veneno das cobras “inauguram” o método científico que se tornará ainda mais evidente na obra seguinte. Por meio de experiências empíricas, insistentemente repetidas, ele consegue demonstrar a falsidade da doutrina clássica que atribuía à bÍlis a origem do veneno das cobras. Com tal método, a obra consegue divulgar no ambiente científico europeu a pioneira atividade experimental que se realizava na corte dos Médici.

A leitura do outro livro de Redi, **Esperienze intorno alla generazione degli insetti** (1668) oferece a possibilidade de iniciar a identificação dos elementos literários que aparecem em quase todos os relatos científicos do autor.

Percebe-se como exemplarmente o autor emprega textos de poetas e escritores famosos, tanto dos clássicos gregos e latinos como dos poetas italianos do Renascimento, como Ludovico Ariosto. Por exemplo, a passagem com que Redi encerra a sua justificativa e o seu pedido de conselhos ao amigo Dati foi extraída dos versos do **Orlando Furioso**, III, IV, vv.3-4. Aqui, sem dificuldade, torna-se evidente que Redi se apoiava sem nenhum receio em fontes literárias para dar respaldo às suas observações científicas. Inicialmente, trata-se apenas de justificar possíveis imperfeições do trabalho que será desenvolvido mais adiante. De qualquer maneira, demonstram claramente que a prosa científica do autor se nutre de referências literárias, seja a fim de obter estímulo inicial para não desistir da empreitada, seja para nivelar-se com os “sábios” do passado que também enfrentaram dificuldades quando se dispuseram a realizar vultosas obras destinadas a deixar marcas indelévels na história da cultura, literária ou científica. Nas páginas centrais de **Esperienze intorno alla generazione degli insetti**, Redi buscará na literatura

os exemplos de que necessita para demonstrar os “erros” do passado no que diz respeito à geração dos insetos.

De fato, mais adiante ele passa a citar Gerolamo Vida, literato da Lombardia (1485-1566) que escrevia em latim e imitava Virgílio. Os versos de Vida citados se referem à geração espontânea nas carnes de um animal em putrefação que fora alimentado com folhas de amoreira. Para desmentir a “tese” sustentada na poesia do autor lombardo, que ainda era defendida por muitos cientistas do século XVII, Redi inicia a descrição das provas empíricas.

Redi escrevia relatos científicos que se valiam de citações literárias e, concomitantemente, “enriqueciam” o texto literário citado, pois lhe emprestavam uma nova perspectiva, um novo “uso”. Evidentemente, os relatos do naturalista ficam “impregnados” de literatura, e isto se reflete no próprio estilo utilizado na descrição dos fenômenos naturais, ou na “técnica” empregada para a refutação das teses aristotélicas da geração espontânea. Não se pode esquecer, ainda, o caráter epistolar da prosa científica de Redi que se insere na linha de pensamento do século XVII, caracterizado pela utilização de um novo método de pesquisa, racionalista ou experimental, e dentro de uma prática coletiva. O uso das cartas reflete a necessidade de submeter as descobertas ao parecer dos demais colegas de academia. Disso derivam a contínua troca de cartas entre os cientistas e literatos da época e o nascimento das academias científicas. A *Accademia del cemento*, à qual pertenceu Redi, inspirava-se nas idéias de Galileu e tinha por mote “provando e ríproando” (experimentando e voltando a experimentar), que naturalmente queria significar “experimentando e recusando as experiências e conclusões que se demonstram errôneas”.

Com a nova “tecnologia” que surge na Europa no século XVII, inúmeras obras científicas passaram a relatar experiências que se tornaram possíveis. Um mundo novo, constituído por estruturas de dimensões reduzidas e antes desconhecidas, começava a influenciar não apenas a prosa científica, mas também o ambiente artístico-literário.

Levando em consideração a precedente análise das características literárias das obras científicas mencionadas, pode-se passar à leitura do *Bacco*

in Toscana, “ditirambo”, isto é, espécie de canto coral que na literatura grega era dedicado a Dioniso ou Baco. Das várias edições recentes consultadas a que me pareceu mais completa foi a de 1996, publicada pela Editora Bulzoni e com introdução e comentários de Carmine Chiodo, e a ela farei referência de agora em diante. De fato, a edição comentada por Chiodo tem o mérito de transcrever nas notas de rodapé muitas das *Annotazioni*, ou seja, os comentários eruditos e “acadêmicos” feitos pelo próprio Redi.

Em **Bacco in Toscana**, Francesco Redi realiza a perfeita fusão entre o naturalista-médico-cientista e o literato-acadêmico. Não se trata apenas de mero exercício literário ou simples pretexto para mostra de erudição do acadêmico Redi. Sem pretensões de igualar-se a ilustres antecessores que ele tanto admirava como Dante e Ariosto, ele elaborou um poema com métrica variada e, para a época, inovadora, com a mesma metodologia empregada nos seus relatórios científicos. De fato, ao narrar a história do deus que vai à Toscana com a sua amada Ariadne (“Arianna”) e inicia uma grande libação, com progressiva embriaguez e com rasgados elogios aos vinhos toscanos, sobretudo ao “Nobile di Montepulciano”, Redi segue a metodologia a que nos referimos antes que prescreve a exposição inicial da questão (ou “tema” neste caso), depois a exaustiva citação dos autores (neste caso, dos poetas e escritores em geral, além dos eruditos e cientistas que se referiram ao vinho) e, por último a conclusão final (que aqui equivale ao elogio final de Baco ao vinho de Montepulciano).

Pelo que procuramos expor até agora, parece inegável que as descobertas científicas de Galileu e o surgimento de uma nova tecnologia, sobretudo com a referida invenção do telescópio e do microscópio, deixaram marcas profundas na literatura da época, gerando inclusive novas formas lingüísticas, novas metáforas e novos temas poéticos. Um novo olhar surge para os escritores. A nova natureza revelada, com imensidões e pequenezas nunca antes imaginadas, ora provoca desolação, ora provoca notável entusiasmo no escritor. Redi insere-se certamente entre os que mostraram enorme entusiasmo diante das descobertas. Como procuramos mostrar até agora, o caso de Redi é, porém, bastante particular, à medida que a sua

intenção era claramente realizar a osmose entre ciência e literatura, da qual ambos, o literato e o cientista, saíam “contaminados”.

Mas no Barroco da Itália predomina Galileo Galilei, exemplo perfeito de cientista-literato, autor de **Il saggiaiore**, possuidor de uma prosa escrita não mais em latim, e sim em italiano, herdeira de uma tradição toscana que vem desde o século XIV, com Giovanni Boccaccio. As escolhas feitas por Galileu com relação ao uso de determinado vocabulário e estilo repercutiam de maneira notável na língua escrita comum e, sobretudo, na literatura da época, seja nos versos de Marini, seja em Virgilio Cesarini ou em Maffeo Barberini. As novas descobertas eram celebradas com entusiasmo por esses poetas, e mais do que nunca os eventos científicos praticamente condicionavam a imaginação literária. Andre Koyré, um dos mais importantes estudiosos da obra de Galileo, chama a atenção para o fato de que o uso do binóculo/telescópio por parte do cientista toscano inaugurou a “ciência instrumental” (KOYRÉ, 1979, p. 85), pois todo o progresso científico a partir de então ficará intimamente ligado ao desenvolvimento dos instrumentos utilizados. Evidentemente, não é apenas o desenvolvimento da ciência empírica que ficará condicionado ao progresso tecnológico, pois também as artes todas, sem exceção, serão de algum modo influenciadas pela tecnologia. No âmbito literário, os instrumentos que mudarão a perspectiva científica, tornando-se elementos fundamentais no desenvolvimento da ciência da época, estimularão o novo motor da “produção” de imagens, personagens e situações da poesia e da prosa do século XVII e XVIII. Evidentemente, nem todos os escritores do período, sobretudo no século XVII, entraram em “perfeita sintonia” com as novas descobertas. Houve casos como o do escritor “aristotélico” Lagalla que continuou a defender a existência do céu das estrelas imóveis. A aceitação das inovações no período barroco não foi unânime. Por exemplo, Emanuele Tesauro, jesuíta culto, na obra // **Cannocchiale aristotelico**, espécie de compêndio sobre as teorias barrocas a respeito da metáfora, escrita por volta de 1630, e publicada apenas em 1654, utilizou-se da imagem do telescópio (ou “cannocchiale”/binóculo como ainda era chamado) “às avessas”, isto é, para demonstrar a insensatez da humanidade que buscava visualizar distâncias antes impossíveis, quando se

podia “viajar” facilmente e alçando vôos mais longos com a utilização da “metáfora”. Na verdade, a obra de Tesauro ressalta o valor da tradição (aristotélica) e confronta-se abertamente com a teoria galileiana, embora a respeite, tomando o devido distanciamento. Andrea Battistini, atualmente um dos maiores estudiosos do Barroco italiano destacou a relevância da obra de Tesauro:

“Il potenziamento della vista umana permesso dal cannocchiale faceva di questo strumento il segno tangibile delle intraprendenti risorse dello spirito umano ad ampliare indefinitamente i propri orizzonti. La stessa conformazione, consistente, nelle parole essenziali di Marino, in un “picciol cannone e duo cristalli” era la testimonianza della semplicità con cui opera la natura, capace di donare il meraviglioso con oggetti alla portata di tutti, secondo la tesi, già vista sopra, di Galileo, che fa ‘derivare et esser prodotte le più mirabili operazioni da mezzi tenuissimi” (BATTISTINI, 2002, p. 112).³

Além de Tesauro, destaca-se Daniello Bartoli, um dos primeiros cientistas-literatos italianos a tentarem a “conciliação” entre as artes e as ciências e entre a teologia e o conhecimento humano. Em 1679, Bartoli publicou o tratado “Del suono, de’ tremori armonici e dell’udito”, no qual buscou conceber a ciência como serva da teologia, pois, na concepção do autor, a ciência leva o homem à admiração dos fenômenos naturais, permitindo-lhe perceber com maior nitidez a grandeza da criação divina. Em outra importante obra, Bartoli interpreta os fenômenos naturais como emblemas do caráter moral dos seres humanos, associando, por exemplo, o movimento do pêndulo à infelicidade da dependência e a abelha à honestidade feminina. A prosa de Bartoli tem caráter literário acentuado, com estilo suntuoso e solene, que será mais tarde apreciado por poetas da envergadura de Leopardi, no século XIX.

A “simbiose” entre ambientes científicos e ambientes literários vai acentuar-se no século XVIII, e não apenas na Itália. Trata-se de processo por

³ “A potencialização da vista humana permitida pelo binóculo/telescópio fazia deste instrumento o sinal palpável dos empreendedores recursos do espírito humano, ampliando definitivamente os próprios horizontes. A mesma confirmação que consistia, nas palavras de Marino, em “um pequeno canhão e dois cristais”, era o testemunho da sinceridade com a qual opera a natureza, capaz de proporcionar o maravilhoso com objetos ao alcance de todos, de acordo com a tese, já vista acima, de Galileu, pela qual ‘derivam e são produzidas admiráveis operações com meios muito tênues.” (Trad. minha)

meio do qual não somente cada vez mais literatos comentam livremente descobertas científicas e as transformam em argumentos literários, como também um número sempre maior de cientistas passa a frequentar o setor literário. Entre os que teorizaram sobre questões referentes à simbiose científico-literária no contexto italiano, dois nomes destacam-se: Antonio Conti e Giuseppe Roberti. Conti, no volume “Discorso sopra la italiana poesia”, publicado em 1737, convida os poetas italianos a se abrirem para a moderna filosofia e para as descobertas científicas. De maneira bastante clara, parece propor na obra que as descrições dos elementos naturais feitas pelos cientistas comecem a fazer parte do universo poético. Por outro lado, Roberti, ainda mais explicitamente do que Conti, propõe para a poesia italiana até mesmo a “divinização” dos cientistas e descobridores da época. De fato, o culto às personalidades do ambiente científico, que já tivera início no século precedente, acentuou-se ainda mais no período do Arcadismo. Como reflexo imediato das idéias de Roberti publicadas em 1765 no volume “Lettera sopra l’uso della física nella poesia”, podemos citar o poeta Lorenzo Mascheroni. Mascheroni, na poesia “Invito a Lésbia Cidonia”, de 1793, definiu Benjamin Franklin como o herói que ousou “condurre il fulmin vero/ in ferrei ceppi e disarmò le nubi” (“conduzir o raio verdadeiro/ em férreos nós e desarmou as nuvens”, trad. minha). Não apenas descobridores italianos como Volta e Galvani, mas também cientistas ingleses e de outros países tornavam-se heróis na poesia italiana da época.

Nos primeiros anos do século XIX, poetas do nível de Vincenzo Monti continuam a cultuar os cientistas e a fazer deles heróis emblemáticos da época. Monti, na poesia “In morte di Lorenzo Mascheroni”, de 1801, manifestou estupor e entusiasmo diante das fantásticas descobertas de Alessandro Volta. O poeta coloca-se como observador entusiasta a descrever as experiências do cientista, demonstrando inclusive conhecimento dos processos empíricos que levaram às descobertas: “che vita infonde pe’ contatti estremi/ di due metalli (meraviglia a dirsi)/ nei membri, già di pelle e capo scemi, / delle rauche di stagno abitatrici, / e di Galvan ricrea gli altri sistemi” . Os versos citados exemplificam muito bem a tentativa feita pelo poeta de relacionar as

descobertas científicas anteriores (as de Galvani) com as experiências de Alessandro Volta, notável inventor da primeira pilha elétrica. Galvani, aliás, mais ainda do que Volta, será novamente homenageado no século XIX não apenas por poetas de menor importância, mas também pelo prêmio Nobel Giosuè Carducci, na poesia “Agl’italiani”, de 1853.

A visão crítica á respeito da ciência e sobretudo do progresso científico tornou-se mais aguda em Giacomo Leopardi. Leopardi, talvez o maior poeta italiano depois de Dante, manifestou em suas obras, tanto nas poesias como na prosa, bastante ceticismo diante do progresso científico da época. Na obra poética mais madura, caso da maior parte das poesias contidas no volume “Canti”, de 1831, as observações da natureza o levam a conceber as forças naturais como inimigas dos seres humanos. A famosa visão da Natureza mãe e madrasta, presente em poesias como “Canto notturno di un pastore errante dell’Asia” ou em “La ginestra”, insere-se no pessimismo “cósmico” de Leopardi. Para o poeta, o destino dos seres humanos pouco ou nada tem de nobre, pois a existência resume-se em destruição e morte, perpetuando o ciclo que, supõe Leopardi, um dia terá fim. Nas “Operette Morali”, breves e deliciosas composições cujos gêneros dificilmente poderíamos definir, ficando entre os opúsculos e os diálogos filosóficos, Leopardi observa com ironia a presunção humana de conhecimento do universo que o cerca. Nas “Operette” manifesta-se todo o materialismo leopardiano, pelo qual a única finalidade da nossa existência é a morte. Em notáveis diálogos como o “Dialogo della Natura e di un Islandese”, a natureza aparece personificada e trava um diálogo vivaz com um pobre viajante islandês. Com pungente ironia, questionam-se os valores humanos e as categorias morais que parecem desaparecer diante da indiferença total da Natureza. O incessante ciclo de produção e destruição que move o universo e no qual parece resumir-se toda a existência torna-se praticamente a única “observação científica” do literato Leopardi. Não há celebração de descobertas científicas, como no século anterior, mas tão somente a descrença nesse tipo de progresso do conhecimento humano que finge ignorar os elementos destrutivos que se escondem nas forças naturais.

O diálogo entre ciência e literatura na Itália, no período analisado,

produziu, portanto, mais incompreensões do que resultados esteticamente significativos. Mas, ao menos na literatura italiana, as exceções que relatamos anteriormente, como Redi, Bartoli e Tesauro, demonstraram claramente que uma não pode viver sem a outra. Além do mais, parece claro que a especialização da ciência empírica a partir de Galileu provocou uma cisão entre os dois âmbitos culturais que por um lado levou a humanidade a um progresso científico sem precedentes e, por outro, marginalizou paulatinamente as artes, sobretudo a literatura. Para quem lamenta a possível (futura) morte da poesia e das artes em geral, não resta que concluir, como uma espécie de consolo, que foi o preço a pagar pelo progresso científico da humanidade, com seus muitos “prós”, mas também com seus muitos “contras”.

Bibliografia

- ALIGHIERI, Dante. **Tutte le opere**. Roma: Newton Compton, 1979.
- BATTISTINI, Andrea. **Letteratura e Scienza. II Barocco**. Roma: Salerno Editrice, 2002.
- KOYRÉ, A. **Studi galileani**, trad. it. Torino: Einaudi, 1979.
- ROSSI, Paolo. **Storia della scienza moderna**. Torino: Utet, 1988.